

DESAMPARO E COMPLEXO DA “GRANDE MÃE”, EM FERNANDO PESSOA

Alfredo Antunes

Introdução

Não falaremos tanto de desamparo, mas, sim, de um desamparado: Fernando Pessoa. Falaremos, sobretudo, dos seus abandonos de infância e dos regaços “maternos” que o Poeta buscou para o seu estranhíssimo desamparo histórico. Lógica difícil, por tratar-se de um grande “fingidor” que, na vida e na arte, sempre se evadiu para não revelar-se. Será, no entanto, numa atenção fenomenológica à sua expressão estética que, sobretudo, procuraremos construir essa conexão causa-efeito entre a fragilidade do desamparo e a urgência do acolhimento psíquico. Qualquer recorrência histórica terá, forçosamente, o valor de confirmação ou esclarecimento.

“Em todas as épocas e em todas as culturas – escreve Gilbert Durand – os homens imaginaram uma Grande Mãe, uma mulher maternal para a qual regressam os desejos da humanidade.”

(Les Structures anthropologiques de L’Imaginaire, PUF, Paris, 1963, p. 50)

Esse complexo traduz-se num cansaço e numa angústia iniciais que vão desaguar na aspiração a um regaço acolhedor onde se obtenha o

repouso universal de tudo quanto o desamparado encontra com a realidade presente acarreta. Por aí se une, com freqüência, à saudade da infância e à busca de qualquer paraíso perdido.

Em Fernando Pessoa perpassa, por toda a obra, o sentimento dessa orfandade, e desse desamparo, apelando para uma espécie de regaço cósmico onde o Poeta possa neutralizar aquele seu “... *supremíssimo cansaço / Íssimo, Íssimo, Íssimo / Cansaço...*” (II, 87). Hoje julgamos poder afirmar, com segurança, ser o tema da *infância perdida* um dos centros especialíssimos da sua pulsão poética, e aquele a que, forçosamente, tem que referir-se o seu Complexo da “Grande Mãe”. Infância histórica e infância transcendentalizada ou arquetípica.

Na referência ao distanciamento e atávica nostalgia dessa infância perdida, ganha maior recorte a enorme constelação de obsessões ou subtemas da poética pessoana. A orfandade psíquica, a solidão, a imagética de ocultamento, a exaltação do sonho e fuga do real, as vivências esotéricas e alquímicas, o pendor platônico, o profetismo messiânico, o nacionalismo místico e o nihilismo ônto-psicológico com suas agressividades absurdistas podem, e devem, tomar como referência esse fundíssimo sentimento do paraíso perdido o qual, em última análise, desembocará na procura de um regaço materno e universal – o regaço de uma *Grande Mãe*.

As invocações às realidades de acentuado pendor órfico e de proteção cósmica, na obra pessoana, podem ser vistas como outros tantos caminhos de aconchegamento nesse “Eterno Feminino” e, consciente ou inconscientemente, de evasão ao confronto direto com a realidade presente a qual, desde sempre, o desencantou: “*Minha tristeza é esta – / A das coisas reais*” (I, 179).

Fernando Pessoa – podíamos dizer de forma mais ou menos simplista – ao sofrer, na sua infância histórica, a morte do pai, o abandono da “velha casa”, e, especialmente, o segundo casamento da mãe, perdeu para sempre a sua condição de menino;

perdeu a possibilidade de ter um regaço maternal; ficou desamparado; existencialmente desamparado. Desamparo que tentará, em parte, compensar na poesia (“*Para mim ser poeta / É a minha maneira de estar sozinho...*”), nessa poesia onde apelará para um regaço de *Grande Mãe*, em substituição aos regaços perdidos na infância histórica. Analisemos, pois, muito sumariamente, três dessas *perdas* da infância as quais poderão ter configurado o seu desamparo.

1. As Raízes do Desamparo

1.1 – A Perda do Pai

Tinha Fernando Pessoa exatamente 5 anos e um mês quando o pai morreu, depois de longos afastamentos, devido à tuberculose. Sabemos do verdadeiro encantamento na relação pai-filho; tal encantamento e sedução ecoam em muitos dos poemas e atitudes que rodeiam a infância do Poeta. Parece, no entanto, existir um estranho pacto de silêncio sobre a figura do pai. Em toda a obra, literária ou não, não se lhe conhece uma única referência explícita, o que tem suscitado intrigantes hipóteses interpretativas do psiquismo do Poeta. Chega-se a admitir ser a figura do pai, a grande ausência do homem-poeta Fernando Pessoa. Mais determinante, possivelmente, que a própria “perda” da mãe. Autores há que chegam a insinuar esta relação como uma possível pista para a sua, tão decantada, *sexualidade branca*. Seria pudor? Polo de transferências? Supervalorização? Será pelo mesmo motivo que não parece gostar de tocar na sua infância verdadeira, a não ser depois de a desvirtuar? Se o menino feliz que era começou a ser jogado para fora do “paraíso terreal” pela morte do pai, não seria mais compensador deixar intocável esse mundo concertado antes de nele entrar o “mal”?

Não parece, por exemplo, irrelevante que o aparecimento do seu primeiro heterônimo – o “Chevalier de Pas”

(o “Cavaleiro do Não”) – ocorresse logo após a morte do pai. E não deixam, mesmo, de ser curiosos os termos com que, poucos meses antes da morte, 40 anos depois, o Poeta ainda se refere a esse personagem:

“... e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade.”

(TCI, 203)

Hoje, através de uma hermenêutica de texto, quase ninguém duvida que, quando o menino de 6 anos sustentava uma correspondência com o seu “Cavaleiro do Não” – o “Chavalier de Pas”, a quem escrevia cartas, e dele as recebia –, era com a figura do jovem pai, morto aos 42 anos, havia poucos meses, que dialogava. E é ainda sintomático que o seu segundo heterônimo, também francês, já da adolescência – o “Jean Seul” (“João Sozinho”) –, tenha um nome onde ecoa a mesma solitariedade psíquica e seja ele o heterônimo que fala unicamente de sexo.

Poderão ser estes, e todos os demais heterônimos, uma das “vinganças” interiores à transcendente ausência do pai? Que outro, senão ele, poderia representar melhor essa “figura, não inteiramente vaga”, onde se misturam “afeição” e “saudade”? E se, para Pessoa, grande parte da infância autêntica, enquanto valor mítico-simbólico, pode estar centrada na figura do pai, não poderá constituir-se esta num dos maiores pólos da sua afeição doméstica? Até porque, física e psiquicamente, Fernando Pessoa era muito parecido com ele. E o fato de ter, tão cuidadosamente, guardado, durante a vida inteira, tudo o que se referia ao pai (as cartas, as crônicas musicais e outros pertences), revela que, embora remontando a um período longínquo e vago, essa presença e essa fascinação foram muito fortes. A simples exegese de poemas como o N° IV da “*Chuva Olíqua*” (I, 32-34), paralelamente ao halo de musicalidade com que, por toda a Obra, rodeia a infância

longínqua, parece apontar para uma felicidade real coexistente com a vida do pai. Igualmente uma leitura intertextual do poema *Aniversário*, de 1929, situa-o, claramente, na festa dos 5 anos do Poeta, um mês antes de o pai morrer. Nessa festa, o Poeta era ainda feliz e criança porque o pai era vivo:

“No dia em que celebravam o dia dos meus anos / Eu era feliz e ninguém estava morto.”

(II, 284)

Foi, simbolicamente, o último aniversário de sua vida. Com a morte do pai, deixou de ter direito a festa e a infância:

“Hoje já não faço anos. / Duro. / Somam-se-me dias.”

(Ibid, 286)

E é curioso constatar que é também a partir desta ausência que surge o Fernando Pessoa repentinamente dialogando com os seus fantasmas e tornado “adulto” antes do tempo.

Por tal reviravolta se pode avaliar da intensidade afetiva da sua ligação com o Pai e, conseqüentemente, da carga de abandono e desamparo que tão radical perda provocou.

1.2 – A “Perda” da Mãe

A Segunda afeição, e outras das profundas origens do seu desamparo, foi a “perda” da Mãe. Perda, não já pela morte física, – efetivamente ela morrerá quando Fernando Pessoa terá já 37 anos – mas por outro tipo de morte que, irremediavelmente, os separou. Não pretendemos construir, sobre a figura da mãe, nenhuma plataforma de interpretação global da obra e comportamento do Poeta, assim como o não fizemos sobre a figura

do pai. É sempre perigoso e, forçosamente, parcial. Não podemos, no entanto, minimizar a carga psíquica que terão representado as peculiares relações entre mãe e filho.

Um ano após a morte do pai, a mãe casa-se de novo, deixando Lisboa, rumo à África do Sul. E com este segundo casamento, deixou o menino Fernando Antônio de ser o "filho único" e o único pólo das afeições de todos. Deixou, definitivamente, de ser "o menino da sua mãe", como D. Maria Madalena lhe chamava:

*"Filho único, a mãe lhe dera / Um nome e
o mantivera: / 'O menino da sua mãe'."*
(I, 220).

Por boca de Bernardo Soares, escreveu um dia no seu grande diário, o *Livro do Desassossego*:

*"Minha mãe morreu muito cedo, e eu não
a cheguei a conhecer..."*
(Livro, I, 31).

Ora, sabemos bem que foi o pai que Fernando perdeu, não ao nascer, mas aos 5 anos. Esta verdadeira execução simbólica da mãe – que em verdade morreu 30 anos depois, e que ele, mesmo de longe, adorou até ao fim – significa efetivamente que o Poeta teve consciência de ter sido a ela que, naquele momento, perdeu para sempre. No mencionado poema de 1926, o *Menino da sua Mãe*, a transposição é ainda mais impressionante: desta vez é a mãe que perde o filho. Simbolizado no corpo de um jovem soldado, "de balas trespassado", ele "jaz morto, e arrefece", "O menino da sua Mãe" (I, 219-220).

Ao contrário do intrigante pacto de silêncio que guardou em relação ao pai, perpassa por toda a obra pessoana uma persistente nostalgia e explícito queixume da ausência, ou perda, da

mãe. Encontraram-se no seu espólio inúmeros poemas e fragmentos dedicados à mãe. Datados desde os 7 anos de idade até poucos meses antes da morte. E estes textos confidenciais são, regra geral, apelos de regaço e de acolhimento maternos. Quando em 1913, com 25 anos, compara o ter mãe, à suavidade de um cair de tarde – "Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce..." (I, 25) – está implicitamente confessando a sua concepção sobre a excelência da posse materna. É essa posse que persiste como identificação da infância real, do aconchego e dos carinhos reais. Em poemas como: *O véu das lágrimas não cega* (X, 137-9), a evocação da mãe é ainda mais direta e, coincidentemente, associada ao "antigo lar" e à "criança que fui" (p. 137). E, também coincidentemente, é a música que destapa toda essa saudade da infância histórica que Pessoa revive dolorosamente enquanto recorda sua mãe tocando:

*"Estou vendo minha mãe tocar. / E essas
mãos brancas e pequenas, / Cujas carícias
nunca mais me afagará –, / Tocam ao
piano, cuidadosas e serenas, / Un soir à
Lima."*
(pp. 137,8)

Estes gestos maternos de acariciar parecem ecoar, repetidas vezes, nas inúmeras evocações pessoanas disfarçadas, por vezes, em outras formas de presença. Temos, por exemplo, aquela lembrança-desejo de 1929 (6 anos antes do presente poema):

*"Qual é a mão cariciosa / Que há-de ser
enfermeira minha –."*
(VIII, 109);

ou, ainda mais claramente, em Álvaro de Campos, os repetidos gestos hipnotizadores da noite, como figura maternal, chegando-se à orfandade do Poeta ou às suas formas de doença de alma:

“Vem, maternal / Pé antepé enfermeira
antiquíssima (...)”

(II, 156);

“Vem envolver na noite manto branco / O
meu coração... / Tranqüilamente como
um gesto materno afagando.”

(Ibid, 157);

“Vem, e embala-nos, / Vem e afaga-nos...”

(Ibid, 154)

A conclusão é sempre a mesma. Consciente do “horror do tempo, porque flui,” (X, 135), Pessoa associa aos gestos maternos o sabor do irremediável histórico:

“Oh, essa mão é morta e osso...”

(VII, 109),

“Cuja carícia nunca mais me afagará.”

(X, 137)

Pode parecer estranho que o nosso Poeta, tendo convivido com a mãe até aos 37 anos de idade, só pareça ter guardado dela os carinhos da primeira infância, recordados na saudade:

“Só a lembrança me acarinha / O coração
com que não posso”

(VIII, 109)

Integrado no novo casamento da mãe, entre os cinco novos irmãos, Fernando Antônio conservou-se, no entanto, profundamente estranho, arredio e misantropo, como se, teimosamente, insistisse

em guardar intacto aquele seu estatuto de “filho único” que os outros lhe roubaram. Filho único, e sempre criança. Nunca se queixou diretamente. Fê-lo sempre em forma de pulsão poética ou nas confidências de escritos íntimos. Em 30 de março de 1935, poucos meses antes de morrer, já com 47 anos, ainda confidenciava, em francês, para a mãe que, na sua percepção, havia quebrado o pacto de exclusividade com ele:

“Mamã, mamã / O teu menino / tornado
grande / Continua igual; somente está
mais triste / Em qualquer lugar onde me
escutes / Vê: eu sou sempre o teu
menino, / o teu menino pequeno / que se
tornou grande / Cheio de lágrimas e de
dívidas.”

(Cit. por R. Bréchon, *Fernando Pessoa – estranho Estrangeiro*,
Record, Rio de Janeiro, 1998, p. 516)

1.3 – A Perda da “Velha Casa”

Com a morte do pai e o segundo casamento da mãe, outra grande perda marcará a vida inteira do poeta Fernando Pessoa: a perda da “velha casa” – o 4º andar do Largo de São Carlos, onde vivera, “filho único”, com o pai e a mãe vivos, até aos 5 anos e meio. A partir daí, Fernando Pessoa habitará outras 23 casas e endereços diferentes, umas vezes com familiares, outras vezes sozinho; mas a nenhum deles fará qualquer referência, nos quase 30 mil textos da sua obra. Apenas a “velha casa” é insistentemente invocada como testemunha inútil de uma felicidade perdida. Somente nela fora amado, somente nela tivera um lar, somente nela tivera sossego, acolhimento e amparo. Fernando Pessoa, desde que o “expulsaram” da “velha casa”, ficou o resto da vida ao relento, do “lado de fora”, desalojado e obsessivamente nostálgico duma felicidade doméstica:

“Pobre velha casa da minha infância
perdida; / Quem diria que eu me
desacolhesse tanto; / Que é do menino?”
(II, 55)

e noutro lugar diz:

“Que é de quem dormia sossegado sob o
teu teto provinciano?”
(II, 53)

E na resposta, o Poeta ultrapassa já a esfera da saudade e cai no desespero nihilista:

“Está maluco. / Quem de quem fui? Está
maluco. Hoje é quem eu sou”
(Ibid, 53)

Este “quem eu sou” é o Poeta que, do lado de fora em que se encontra, e jogado eternamente na rua, não pode ver mais do que “uma casa com a janela fechada” (II, 56). É uma forma de admitir explicitamente que anda a monte, desalojado e sem lugar certo para resguardar o menino que foi:

“A criança que fui chora na estrada. /
Deixei-a ali quando vim ser quem sou; /
Mas hoje, vendo que o que sou é nada, /
Quero ir buscar quem fui onde ficou.”
(X, 90)

Este 4º andar do Largo de São Carlos há de permanecer, pois, da mesma forma que foi o cais do porto, “uma saudade de pedra” (II, 161). Nele, como dissemos, continuam vivos, por uma espécie de prescrição temporal, o pai, a mãe, as tias, as criadas, os

serões de música e de festas e, sobretudo, a sua infância arquetipicamente intocada. Ninguém ali morreu porque todos se imortalizaram nos seus sonhos de adulto, como se pudesse continuar a dizer, como outrora:

“Na casa antiga (...) / Eu era feliz e
ninguém estava morto.”
(II, 282)

E se restassem dúvidas de que o seu ser adulto se identifica com a dor da perda da “velha casa”, o próprio Poeta desabafa:

“O que eu sou hoje é terem vendido a
casa.”
(II, 283)

E num poema dos seus 32 anos, ainda permanece a queixa:

“Outros terão / Um lar, quem sabe, amor,
paz, um amigo, / A inteira, negra solidão
/ Está comigo.”
(13.01, 1920)

É a associação explícita da “velha casa” com o sentido de infância, – infância e “velha casa”, duas realidades redutíveis – ainda persiste a poucos meses da morte:

“Vejo, a chorar / (...) o antigo lar, / A
criança que fui.”
(X, 137)

É como que um eco longínquo daquele outro poema de 6 anos antes:

“... e a casa dos que me amaram treme
através das minhas lágrimas.”

(II, 285)

Estas chamadas à “velha casa” da infância, como outras tantas compensações para as dores da vida adulta, passam a ser uma espécie de marca poética pessoana. Um dos exemplos mais emblemáticos é o “corte”, ou mergulho, que o Poeta realiza por dentro da gigantesca histeria da *Ode Marítima*, fazendo subitamente abrir o clarão da infância:

“Era na velha casa sossegada ao pé do
rio...”;

“E a minha infância feliz acorda, como
uma lágrima, em mim / O meu passado
ressurge, como se esse grito marítimo /
fosse um aroma, uma voz, ou eco duma
canção / Que fosse chamar o meu
passado / Por aquela felicidade que
nunca mais tornarei a ver.”

(II, 189)

E, logo adiante, termina:

“Mas todo este tempo não tirei os olhos do
meu sonho longínquo, / Da minha casa
ao pé do rio, / Da minha infância ao pé
do rio, das janelas do meu quarto dando
para o rio, de noite, / E a paz do luar
esparso nas águas!...”

(II, 190)

É fácil concluir, pelo que foi dito, que a perda da “velha casa”, associada à morte do pai e ao afastamento afetivo da mãe,

terá constituído uma das marcas mais fundas do radical desamparo que acompanhou existencialmente o poeta Fernando Pessoa. Desamparo universal que o levará a procurar nos grandes elementos cósmicos uma espécie de regaço substituto, uma “Grande Mãe” substituta para a orfandade de alguém que fora expulso do paraíso da infância, mas que a ele, teimosamente, desejou sempre regressar:

“Ó meu passado de infância, boneco que
me partiram! / Não poder viajar para o
passado, para aquela casa e aquela
afeição, / E ficar lá sempre, sempre
criança e sempre contente!”

(II, 192)

2. Os Apelos à “Grande Mãe”

Vários podem ser os apelos à “Grande Mãe”, os apelos a esse regaço universal como expressão de um “Eterno Feminino” que acolhe a orfandade dos homens. Robert Bréchon lembra, por exemplo, que

“alguns psicanalistas consideram o álcool
como um substituto da mãe, e que o
bêbado encontra, na garrafa, o
equivalente ao seio materno.”

(Fernando Pessoa – *estranho Estrangeiro*, Record, Rio de Janeiro, 1998, p. 114)

Poderíamos analisar, também, esta dimensão em Fernando Pessoa, já que a sua relação com a bebida foi muito forte e, por vezes, dramática. Assim como poderíamos, talvez, considerar a sua cidade

de Lisboa (“Oh, Lisboa, meu Lar!” – *Livro I*, p. 65) como um grande regaço onde o desamparo do Poeta se refugiava ao fundir-se na multidão solitária.

“Tornei-me um homem da multidão – escreve num fragmento, em inglês – Nunca tive confiança em mim enquanto sozinho. De manhã à noite e de noite até de manhã, eu deslizo velozmente por entre a multidão (...). Aperto o meu corpo contra os outros corpos como uma criança se agarra à mãe numa tempestade. Tento fechar os olhos como a criança tenta fugir do clarão do relâmpago; tento tapar os ouvidos como a criança tenta enterrar a cabeça no colo da mãe para não escutar o trovão.”

Esta imagem da Lisboa como figura materna e acolhedora, voltará, mais elaborada no *Livro do Desassossego*. Mais do que o grande “Lar” que contém, dentro de si, aquele outro pequeno “Lar” arquetípico – “a velha casa”–, a Lisboa-cidade pode ser também uma substituta da mãe ausente ou perdida.

Mas não queremos, aqui, alongar-nos com toda a gama de possíveis simbologias maternas. Vamos cingir-nos, apenas, a três, as quais, pela sua intrigante recorrência, podem ser vistas, na obra pessoana, como outras tantas obsessões do “eterno feminino”. São elas: a *Mãe-Terra*, a *Mãe-Noite* e a *Mãe-Água*.

2.1 – A “Mãe-Terra”

A terra física – concretamente nos seus espaços côncavos e convexos – aparece, insistentemente, como se fosse um leit motiv obsessivo numa imagética de *dormência física*. É a “Mãe-Natureza”, quer seja no seu apelo de universalidade e

identificação telúrica “*sentir tudo de todas as maneiras*” (II, 226); ser “*toda a gente e toda a parte*” (II, 152); “*como pó de todos os ventos*” (II, 29), quer seja nas formas mitigadas de placidez hipnótica as quais, de uma maneira ou de outra, vão tecendo as ocultações e adormecimentos de uma orfandade suposta. As imagens de “música”, “longes”, “luar”, “silêncios”, “penumbra”, “frio”, “névoa”, “sombra”, “vento”... constituem, entre muitos outros, bordões poéticos nos quais repousa essa construção da fuga hipnótica rumo ao outro lado de si mesmo e da vida; rumo a um inonimado regaço materno.

2.2 – A “Mãe-Noite”

A par da terra física, vem a *Noite*. A noite, que além de ser figura de morte e de sono, é, sobretudo, figura de mãe. Morte, sono e mãe: três realidade associadas no mesmo rito simbólico.

“Toma-me ó noite eterna nos teus braços /
E chama-me teu filho”,

suplicará o Poeta, no seu tristíssimo poema *Abdicação* (I, 217). É nele que, após um simbólico desnudamento, de cunho marcadamente psicanalítico, não encontrará outra solução de regresso senão abandonar-se à calma duma noite original:

“E regresssei à noite antiga e calma / como
a paisagem ao morrer do dia.”

(Ibid, 217)

Nas grandes súplicas à noite em *Dois Excertos de Odes e Passagem das Horas*, de Álvaro de Campos, além dos poemas *A Noite* e do, já citado, *Abdicação*, do Pessoa ortônimo, esta noite é chamada cinco vezes de “Mãe”, quer no substantivo, quer na forma adjetivada, referindo-se a ela, invariavelmente, como supremo

refúgio. Depois de pôr a nú a pobreza da sua humanidade; depois de confessar que não sabe “sentir”, “ser humano”, “conviver com os homens”, “ser útil”, “ser prático”, “ter um lugar na vida”, “um destino entre os homens”, “uma obra”, “uma força”, “uma vontade”, “uma razão para descansar” (cf. II, 219), vem a súplica do Poeta, como a dum filho que busca, na mãe, alívio, acolhimento e descanso:

“Por isso sê para mim materna, ó noite tranqüila... / Tu, que tiras o mundo, ao mundo, tu que és a paz, / ... / Vem para mim, ó noite, estende para mim as mãos, / E sê frescor e alívio, ó noite, sobre a minha frente...”

(II, 219)

A imagem de frescor sobre a fronte – como a sugerir uma situação de febre – aparece, igualmente, em *dois Excertos de Odes*, e em idêntico contexto. Aqui, está ainda mais explícita a transferência da orfandade do Poeta para os braços da Mãe-Noite, bem como a sofreguidão por cuidados maternos, bastante comuns em crianças doentes:

“Vem, dolorosa, / ... / Mão fresca sobre a testa em febre dos humildes, / Sabor de água sobre os lábios secos dos Cansados.”

(II, 155)

E tão a sério leva esta imagem da mãe velando o filho enfermo que chega a apelidar a Noite de “enfermeira antiquíssima”, com as funções específicas de sentar-se à cabeceira da sua cama e cobri-lo:

“Vem, maternal, / Pé antepé, enfermeira antiquíssima, que te sentaste / À cabeceira dos deuses das fés já perdidas, / ... / vem, Noite silenciosa, / Vem envolver na noite manto branco / O meu coração...”

(II, 156-157)

Sem ter sido um poeta aparentemente amoroso podemos, pois, afirmar que foi na “Grande-Mãe” – a noite – que a sua ternura e orfandade buscaram mais visível acolhimento. Com essa noite se realizou o pacto submerso que, quaisquer que sejam as categorias imaginárias, terá que ser visto como de significado materno: a repetição, em vários tons, de uma única súplica:

“Torna-me, ó noite eterna, nos teus braços / E chama-me teu filho.”

(I, 217)

2.3 – A “Mãe-Água”

Finalmente é a Água, com tudo o que implica e sugere, um terceiro grande veículo de regresso ao seio materno, na obra pessoana. Mar, portos, ilhas, praias, naus, cais, navegações, horizontes, areias, chuva e nevoeiros..., constituem um dos mais obsessivos tecidos imagéticos do poeta da *Ode Marítima*. Simbologia aquática, onde vai um profundo significado de entrega e acolhimento. Como se a orfandade psíquica – e histórica – tivesse encontrado nos braços da “Mãe-Água” o acolhimento que negaram ao seu desamparo. Alguns dos mais altos momentos da criação pessoana (*Ode Marítima*, *Mensagem*, *O Marinheiro* e, mesmo, *Passagem das Horas*) são de ambiência aquática. Os horizontes

geográficos do próprio Pessoa real, centraram-se em duas cidades portuárias (Lisboa e Durban), ou em grandes cruzeiros marítimos. E se Ricardo Reis e Alberto Caeiro significaram, respectivamente, as fugas do agir e do pensar, Álvaro de Campos – supostamente engenheiro naval, nascido em cidade de mar (Tavira) e formado em região de lagos (Escócia) – parece ter vazado, nas grandes trepidações transatlânticas, as longas macerações reprimidas: “Meus próprios tédios tornados dinâmicos”, como dirá um dia (II, 171). É, pois, sobretudo o mar – irmão gêmeo da noite – que lhe evoca dimensões de infinito, que fecunda a terra, que desperta a saudade como “cobiça do longe” e que parece guardar, inacessível, mas definitivo, o lugar do supremo acolhimento.

Este lugar pode ter o nome de *Ilha* ou *Ilhas* – “ilhas afortunadas” (v, 86); “ansiada ilha” (O. P., 53); “ilhas dos mares do sul” (I, 160); “ilha velada” (V, 102); “ilha do sul impossível” (II, 248); “ilha extrema do sul” (I, 160); “ilha próxima e remota” (V, 101) – lugares que, postos como fascínio de indefinição e possível concretização desse *terminus*, vão obsessivamente nutrindo sonhos, estimulando a busca e compensando a ausência de um regaço perdido.

Será, enfim, o *mar* – “mar que não tem tempo ou ‘spaço’” (V, 72); “mar salgado” (V, 70); “mar universal” (V, 73); “mar sem fim” (V, 60); “mar anterior a nós” (V, 58); mar que é “materno vulto” (V, 67) em que Deus “espelhou o céu” (V, 58) – será o mar, repetimos, um dos mais profundos catalisadores da criação pessoana e, sobretudo, da sua viagem ao outro “Mar”: *o seio materno*. É uma viagem lustral, purificada pela água, em que, no seu caso concreto, todos os cansaços e angústias da existência adulta serão afogados até voltar a sentir-se, de novo, criança. Sem ser um lugar real, é uma condição de ordem metafísica. Condição que pode, simultaneamente, ser sinônimo daquela sua “velha casa” do Largo de São Carlos, ou do carinho do “Pai” e da “Mãe”, perdidos para sempre na sua primeira infância de Lisboa.

Conclusão

Concluo com um devaneio do Poeta. Devaneio, que parece subentender, também, um apelo:

“Penso às vezes, com um deleite triste, que se um dia, num futuro a que eu já não pertença, estas frases, que escrevo, durarem com louvor, eu terei enfim gente que me ‘compreenda’, os meus, a família verdadeira para nela nascer e ser amado.”

(Livro, I, p. 213)

Essa família, “os seus”, somos nós todos. Respeitemos este devaneio de Fernando Pessoa. Quem sabe se o “nascer e ser amado” em nós, não se constituirá na última compensação para o seu desamparo e no último caminho para, finalmente, encontrar uma “Grande Mãe”.

Referências Bibliográficas

- OPP, I, II e III: *Obra Poética e em Prosa*: organização, introduções e notas de António Quadros, Lello & Irmão Editores, Porto, 1986.
- TCI: *Textos de Crítica e de Intervenção*, Edições Ática, Lisboa., 1980.
- I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI: *Obras completas de Fernando Pessoa*. Coleção Poesia, Edições Ática, Lisboa.
- LIVRO, I e II: *Livro do Desassossego*: organização e transcrição dos textos por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho, 2 vols., Ática, Lisboa, 1982.
- O.P.: *Obra Poética*. Organização, Introdução e Notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, RJ, Editora Nova Aguiar S.A., 1976.